

FMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Data		
02.04.97		
Com	Edição	3
3		
Assinatura		
H. Oliveira		

Prefeitura dá oportunidade aos sem-teto

As histórias são parecidas. Geralmente são pessoas que vieram do interior em busca do paraíso na capital, mas acabaram mal. Vivem como se fossem tatus dentro de viadutos, disputando o metro quadrado com os ratos que infestam os cubículos mal iluminados. A Secretaria Municipal de Ação Social (Semas) tem obtido sucesso na sua empreitada de acolher esse pessoal em suas casas de Passagem do Migrante e do Mendigo, mas o próprio secretário Antonio Rodrigues reconhece que ainda há muito por se fazer.

"Ainda ontem, conseguimos tirar seis pessoas do viaduto do Di-que do Tororó e trazê-las para as casas de passagem", diz o secretário, explicando que essas são 32 boxes existentes na antiga Estação Leste. No local, médicos, enfermeiros e assistentes sociais fazem uma triagem e encaminham as pessoas para a Casa de Passagem do Migrante ou do Mendigo.

"São pessoas que precisam reconstruir sua antiga casa ou voltar para a cidade de origem ou retomar o contato com a família, às vezes aqui mesmo em Salvador. Cada caso é um caso", afirma o secretário Antonio Rodrigues. Ele ressalva que mais de 100 pessoas foram tiradas dos buracos de árvores, "tocas" em viadutos e debaixo das marquises de 1º de janeiro para cá, quando assumiu a Secretaria.

Nas casas de passagem, as pessoas têm café da manhã, almoço e jantar. Trabalham coletivamente na limpeza do local e, os que permanecem em Salvador, se habilitam a trabalhar em empresas que a secretaria contacta. Crianças e adolescentes são encaminhados à Casa de Convivência. Os idosos ao Abrigo Dom Pedro II. A secretaria tem feito contatos com organizações não-governamentais, a fim de aumentar sua ação nessa área e dar novas alternativas nos albergues e no próprio Dom Pedro II, atualmente com capacidade para 140 internos. "Pretendemos capacitá-lo para atender a 300 pessoas", assinala Antonio Rodrigues.

A vida como ela é

Apesar desse esforço, os dramas cotidianos permanecem na vida de dezenas de pessoas que ainda vivem como tatus. Silvana Ramos da Silva é um exemplo disso. Com 27 anos de idade, ela sorri muito, mas diz que não tem mais

esperança numa vida melhor. Há sete anos saiu de Bom Jesus da Lapa, sua cidade natal. Empregou-se como doméstica, mas foi logo demitida. Acabou na rua.

Hoje, mora dentro do viaduto da Fonte Nova, sozinha. Conseguiu uma porta de ferro e cadeados e assim se mantém segura. Dentro da "toca", vê televisão (fez um "gato") e briga com as ratazanas. Quando sai, lava roupas, toma conta de carros em estacionamento e assim consegue o dinheiro para não passar fome. Analfabeta, sem pai, nem mãe, acha que o melhor é ficar em Salvador.

Ontem, ela recebeu a visita de Marizete Silva, que conheceu na rua. Marizete foi atropelada há dois meses, quebrou o fêmur. Uma platina colocada no local operado a impede de andar normalmente. Ela ri, mas também não tem mais esperança em melhorar de vida.

Vizinho a elas, vive Nilson Souza, 32 anos, há oito morando dentro de viaduto. Faz biscates para sobreviver. "Quando tenho dinheiro, como. Quando não tenho, fico com fome", diz, conformado. No período do Carnaval conseguiu uma "guia" para vender bugigangas, "veio o rapa, cheio de malhados, que me quebraram o nariz e levaram a minha", afirma, sem demonstrar ódio.

Há casos ainda como o de um casal, que volta e meia mora no viaduto do Canela, mas tem uma casinha no Taboão. A Secretaria de Ação Social descobriu que o casal aluga a casa de dois cômodos e prefere ficar na toca de tatu. Marido e mulher não permitem aproximação, nem explicam sua atitude. Gritam, de longe, que "a vida é assim mesmo".

Foto: Antonio Queiroz



Grades para garantir segurança



Silvana Silva mora num buraco do viaduto da Fonte Nova e diz ter perdido as esperanças de melhorar as suas condições de vida

Foto: Antonio Queiroz